

O Walsh

por Álvaro Chaves Rosa

1. Introdução.

Quando em resposta a uma abertura em 1♣ temos uma mão com um naipe de ouros (de 4 cartas ou mais) e também um naipe maior quarto, qual é a atitude “correcta”: mostrar os ouros, ou dar prioridade ao anúncio do maior?

Esta questão é mais vasta nas suas implicações do que pode parecer à primeira vista. Quando aprendemos os rudimentos do leilão, normalmente aquilo que nos ensinam relativamente a esta situação é, seja qual for a força da mão, a dar os naipes “por ordem”. Com quatro ouros e quatro num maior (ou mesmo em ambos...), damos “sempre” 1♦ (e, por maioria de razão, fazemos o mesmo se o naipe de ouros for mais longo).

O problema principal de começar por dar 1♦ só se faz sentir nas mãos fracas (digamos, com menos de 10 H), e consiste em podermos ficar impossibilitados de localizar um fit 4-4 no naipe maior, por ocorrência de intervenção adversária no leilão.

Claro está que ao “saltarmos” os ouros para dar prioridade ao maior, estaremos a dificultar a localização de um fit a ouros, mas relativamente a isto há que considerar dois aspectos:

- O fit em maior é mais importante, por razões bem conhecidas;
- A probabilidade de o abridor em 1♣ ter quatro cartas de ouros é, num sistema à base de maiores quintos, bastante menor do que a de as ter num maior específico. Com quatro paus e quatro ouros a abertura normalmente é em 1♦ (tirando casos em que a diferença de qualidade dos naipes sugira fazer a opção contrária), pelo que o abridor em 1♣ quase sempre só terá quatro ouros se tiver cinco paus ou mais. Mas pode perfeitamente ter quatro num naipe maior numa mão balanceada ou tricolor com quatro paus, ou mesmo numa mão balanceada com apenas três paus (ou dois, para quem abra em ouros de 4 cartas).

Vejamos uns exemplos.

Com ♠98 ♥R874 ♦AV53 ♣1062, estamos a responder a uma abertura do nosso parceiro em 1♣. Suponha-se que damos “ingenuamente” 1♦. Que “mal” pode vir daí?

Se o leilão continuar a decorrer “a dois”, tudo tranquilo. O parceiro normalmente anunciará copas se as tiver e portanto o fit, se existir, não se perde. Se em vez disso der 1♠ temos um rebide fácil de 1ST, e se der 1ST ou 2♣ ou 2♦ temos um passe evidente.

Mas se o adversário à nossa esquerda intervier em espadas, a situação pode tornar-se muito mais desagradável, nomeadamente se essa intervenção for em salto ou se for apoiada pelo adversário da direita. Se o leilão decorrer 1♣-(Passo)-1♦-(2♠)-Passo-(Passo) ou 1♣-(Passo)-1♦-(1♠)-Passo-(2♠), os nossos banais 8H já não são suficientes para mostrar o naipe de copas, nem naturalmente (já que 3♥ seria agora uma voz

forcing de partida mostrando 4 copas e pelo menos 5 ouros), nem sequer através de um dobre competitivo, que já obrigaria o parceiro a responder ao nível três, sem qualquer garantia de existir um fit. Se o leilão vier ao nível um, com a sequência 1 ♣-(Passo)-1 ♦-(1 ♠)-Passo-(Passo), a reabertura em dobre é não só possível mas eu diria mesmo obrigatória. Ter no entanto presente que o abridor *não deve* ter quatro copas, se neste leilão o dobre de 1 ♠ pela mão dele for adoptado para mostrar 4 copas (e não um apoio de 3 cartas a ouros, ou seja, se não for um *dobre de apoio*, que tem mais interesse no caso da resposta em maior).

Ou seja, a questão é que a opção por não mostrar logo na primeira volta o naipe de copas pode significar vermo-nos no seguimento impossibilitados de o mostrar a um nível “aceitável” para a força da nossa mão.

A questão também se coloca se o nosso maior for espadas, apesar de, sendo este o naipe “dominante”, termos mais hipóteses de o anunciar sem catapultar o leilão para o nível 3. Se a mão for ♠R874 ♥98 ♦AV53 ♣1062, mesmo que o leilão decorra 1 ♣-(Passo)-1 ♦-(2 ♥)-Passo-(Passo), já não é tão perigoso mostrar as 4 cartas de espadas através de um dobre competitivo, pois neste caso o parceiro pode responder 2 ♠ (às vezes a melhor opção mesmo com apenas 3 cartas). Mas se o leilão vier já ao nível 3, como na sequência 1 ♣-(Passo)-1 ♦-(2 ♥)-Passo-(3 ♥), mais uma vez nos vemos dificultados quanto a participar na batalha competitiva. O custo de ter mostrado os ouros é já não conseguir mostrar as espadas.

Até certo ponto, tudo o acima referido mantém-se válido se o naipe de ouros for mais longo. Passando nos exemplos anteriores o duque de paus para o naipe de ouros, continua a haver vantagem competitiva em anunciar o maior na resposta à abertura.

Pelas razões estratégicas aqui abordadas, muitos jogadores de competição optam por, em certas condições, “esconder” os ouros. Inventada pelo norte-americano Dick Walsh, a convenção Walsh constitui de certo modo uma sistematização dessa tendência, com consequências importantes relativamente à precisão das sequências iniciadas por 1 ♣-1 ♦.

A convenção aplica-se unicamente na resposta e desenvolvimentos de uma abertura natural em 1 ♣ e assenta nos seguintes pontos básicos:

- Com uma mão fraca (10 pontos ou menos), o respondente dá prioridade ao anúncio de um naipe maior de 4 cartas relativamente ao de um naipe de ouros, ainda que mais longo.
- Após a sequência 1 ♣-1 ♦:
 - As vozes de 1ST ou 2ST pelo abridor não negam naipe(s) maior(es) de 4 cartas.
 - As vozes de 1 ♥ ou 1 ♠ pelo abridor mostram uma *mão não balançada* geralmente com 4 cartas no maior anunciado e pelo menos 5 cartas de paus (à excepção das mãos tricolores com apenas 4 paus).

2. Rebide do abridor após 1♣-1♦.

A resposta de 1♦ transmite desde logo ao abridor a informação de que o parceiro ou não tem maiores de 4 cartas, ou então tem força suficiente para voltar a falar. É daqui que decorre a consequência importantíssima de que, com uma mão balanceada, o abridor rebida sem trunfo mesmo que tenha um maior quarto (ou os dois). Efectivamente:

- Se o respondente tiver uma mão fraca, irá passar ou dar uma voz de desistência sobre 1ST, ou eventualmente concluir em 3ST sobre 2ST. Não há lugar à investigação de um fit em maior.
- Se tiver uma mão mais forte (digamos 11 pontos ou mais) com um maior de 4 cartas (ou mesmo os dois), sobre 1ST ou 2ST dará início à pesquisa de um eventual fit 4-4, quer essa pesquisa passe por uma descrição natural ou, como veremos adiante, por uma interrogativa artificial.

A ocultação pelo abridor de um maior de quatro cartas pode trazer por vezes a vantagem adicional de deixar o adversário mais às escuras quanto à escolha da saída, num contrato em sem trunfo ou em trunfo menor. Por exemplo, com ♠873 ♥AV75 ♦R10 ♣AD86 face a ♠102 ♥1064 ♦AD843 ♣R73, o contrato normalmente atingido será 1ST. A melhor saída para o flanco é sem dúvida a espadas, e essa será a saída mais provável com um leilão clássico 1♣-1♦-1♥-1ST. Mas com o leilão “Walsh” 1♣-1♦-1ST, em que a voz de 1ST não mostra nem nega maiores quartos, aumenta a possibilidade de receber uma saída a copas (mais favorável para o carteador).

Com 4 cartas num maior (ou em ambos) e uma distribuição não balanceada (4441, 5431, 5422, 5440, etc.) o abridor anuncia o seu maior, e ao fazê-lo está a dar uma descrição mais precisa da sua mão, nomeadamente quanto ao comprimento a paus. Esta é uma vantagem do método, pois possibilita ao respondente uma localização mais imediata de um fit a paus quando ele exista.

Com uma mão tricolor 5-4-4-0 com 4 ouros e 4 cartas num maior, o abridor tem que optar entre anunciar o maior e apoiar os ouros (com ou sem salto, dependendo da força da abertura) - questão que de resto se coloca independentemente de jogar o Walsh ou não. É certo que a localização do fit em maior é mais importante, mas desde que se tenha presente que o apoio dos ouros não nega a presença de um maior quarto, o leilão continua em aberto para a investigação, pois o respondente, se tiver maior(es) quarto(s), tem um mínimo de cerca de 11 H.

3. Rebide do respondente após 1♣-1♦-1 em maior.

A sequência 1♣-1♦-1♥ mostra quase sempre 5 ou mais cartas de paus, excepção feita ao tricolor 4=4=1=4 (com singleton a ouros). No caso da sequência 1♣-1♦-1♠, é praticamente garantido haver 5 ou mais cartas de paus, já quem com um tricolor 4=1=4=4 (com singleton a copas) a abertura teria normalmente sido em 1♦.

Uma diferença fundamental do esquema Walsh relativamente ao esquema clássico é que, se o respondente der uma voz de apoio no maior do abridor, já está a mostrar uma mão com força pelo menos de convite a partida. Isto significa que o apoio simples deve ser considerado uma voz de convite a partida, não forcing – com a grande vantagem de que o abridor pode, quando recusa o convite, ficar a jogar tranquilamente ao nível dois.

Por outro lado, com força de partida mas sem ambição de cheleme, o respondente pode simplesmente, tal como o faria num leilão clássico, marcar a partida em 4 no maior. A voz de apoio com salto ao nível três fica assim disponível para ser usada como convite a cheleme, o que é uma vantagem apreciável, sem necessidade de estar a complicar o leilão por intermédio de uma “4ª cor forcing” (na intenção de fitar a seguir).

As vozes de apoio em paus e de remarcação dos ouros são naturais, sendo de desistência ao nível 2 e de convite ao nível 3. Com mãos mais fortes fitadas a paus ou longas a ouros, inadequadas para uma conclusão imediata em partida, aí sim poderá haver necessidade de passar pelo 4º naipe, seguida do fit a paus ou da repetição dos ouros. Outro caso em que é necessário utilizar o 4º naipe é, tal como acontece num leilão clássico, com mãos balançadas sem pega ou com pega duvidosa nesse naipe.

No caso de 1♣-1♦-1♥, a voz de 1♠ é natural e forcing uma volta (mostrando, recorde-se, pelo menos uns 11 H), podendo usar-se a voz de 2♠ como 4ª cor forcing sem 4 espadas. No caso do leilão 1♣-1♦-1♠, a 4ª cor é sempre em 2♥. Em ambos os casos, deve-se ter presente que a 4ª cor *nega* um fit no maior do abridor, que como vimos pode ser mostrado *naturalmente*, ao nível 2, 3 ou 4, conforme a força do respondente.


As vozes em ST são naturais e mostram as zonas de força habituais (1ST=6-10, 2ST=11-12, 3ST=13-15).

Que significado atribuir a uma voz de salto para o nível 3 no outro maior? Estamos a falar das sequências 1♣-1♦-1♥-3♠ e 1♣-1♦-1♠-3♥. De certo modo estas vozes “cheiram” a *splinter*, isto é, a mãos fitadas no maior do abridor, com força de partida e com singleton no maior anunciado. É uma utilização perfeitamente razoável, e seria essa a interpretação que eu daria à mesa se um parceiro me aparecesse com uma voz destas sem discussão prévia. (Outra possibilidade é elas serem usadas para mostrar artificialmente um fit a paus e convite a cheleme, mantendo ou não o significado de *splinter*).

Sequência 1♣-1♦-1♥:	Sequência 1♣-1♦-1♠:
1♠ = 4♠, 11H+, forcing 1 volta	1ST/2♣/2♦ = natural, fraco
1ST/2♣/2♦ = natural, fraco	2♥ = 4ª cor forcing (nega 4♠)
2♥ = 4♥, convite (11-12 DH)	2♠ = 4♠, convite (11-12 DH)
2♠ = 4ª cor forcing (nega 4 em maior)	2ST/3♣/3♦ = natural, convite
2ST/3♣/3♦ = natural, convite	3♥ = <i>splinter</i> com fit a ♠?
3♥ = 4♥, GF, convite a cheleme	3♠ = 4♠, GF, convite a cheleme
3♠ = <i>splinter</i> com fit a ♥?	3ST/4♠ = natural
3ST/4♥ = natural	

4. Rebide do respondente após 1♣-1♦-1ST.

A priori poder-se-ia pensar jogar um esquema totalmente natural sobre o rebide de 1ST: com uma mão fraca (logo sem maior quarto) o respondente teria a opção entre passar ou fazer uma desistência em 2♣ ou em 2♦; as vozes de 2♥ e 2♠ mostrariam 4 cartas e seriam forcing 1 volta, prometendo por sistema pelo menos força de convite a partida.

Como o rebide em 1ST é feito com qualquer mão balanceada de 12-14 pontos, tenha ou não maior(es) quarto(s), ele não é esclarecedor quanto ao comprimento do naipe de paus, podendo ir desde 3 cartas (4=3=3=3, 3=4=3=3 ou 4=4=2=3), ou mesmo 2, para quem abre em 1  com 4=4=3=2, até 5 cartas (2335).